

Diversão & Arte



COM
DIREÇÃO DE SÉRGIO
MAGGIO, MUSICAL EM
CARTAZ NO CCBB
CONTA A HISTÓRIA DO
COMPOSITOR EM
FORMATO DE TEATRO
DE REVISTA

UMA ODE A

NOEL ROSA

» NAHIMA MACIEL

Nascido em 1910, Noel Rosa tinha 20 anos quando a revolução do rádio desembarcou no Brasil e instalou um verdadeiro frenesi na então capital federal, o Rio de Janeiro. Largou a medicina para fazer sambas e marchinhas que entraram para o grande repertório da música brasileira e são, até hoje, cantadas e regravadas. O ator Jones Schneider sempre quis viver esse personagem no palco e agora, ao completar 40 anos de carreira, interpreta o radialista Saturnino no musical *Amor em rosa*, com direção de Sérgio Maggio e temporada até 23 de agosto no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB).

Integrante do Criaturas Alaranjadas Núcleo de Criação, junto com Sérgio Maggio, Jones Schneider começou no teatro em 1986, com um papel em *O Natal na praça*, do dramaturgo francês Henry Ghéon. Em 2001, depois de participar de *Coqueiro* que dá coco, musical de Túlio Guimarães sobre Ary Barroso, ele passou a fazer listas de compositores que mereciam esse tipo de espetáculo. Noel Rosa era um deles. “O Noel era muito crítico, por meio da música fazia uma crítica social. E parece que as coisas que ele canta não mudaram”, diz. O espetáculo é um encontro de gerações no qual Jones tem a companhia de Jeff Moreira e Wol Nunnes.

Sérgio Maggio deu início à pesquisa sobre Noel Rosa em 2017, mas acabou deixando um pouco de lado para desenvolver outros projetos, como *Eu vou tirar você deste lugar* – As canções de Odair José, L — O Musical e O último tango. “E meio que o Noel foi passando. Agora, a gente vai completar 20 anos com o Criaturas Alaranjadas e esse musical acontece num momento muito bom porque amadureci essa pesquisa”, conta. “O espetáculo vai beber no modelo do teatro de revista dos anos 1930, que era um teatro que passava em revista a sociedade, muito crítico, pegava um tema e esse tema era cantado com uma crítica social muito forte.”

O teatro de revista era o grande entretenimento da época e os anos 1930, um período avassalador de mudanças sociais. O rádio desembarcava no país para fazer, colocando em perspectivas contemporâneas, o que a internet fez. As pessoas passaram a poder se ouvir ao vivo e a distância, surgiram as gravações, os equipamentos elétricos como o microfone, o cinema deixava de ser mudo para se tornar falado. “E Noel Rosa estava nesse lugar, antenado, com o pé nos dois mundos, fazendo os sambas com os bambas, nesse universo de sambista, e também compondo com pianistas sofisticados”, conta o diretor.

Rosa sabia que o sucesso no mundo musical passava pelo teatro de revista. Se uma de suas canções passasse por um espetáculo e saísse de lá cantorolada na boca do público, acabaria como hit de carnaval ou no bolachão em uma gravação eternizada. “E ele queria fazer sucesso. Descobriu que o teatro de revista era tipo uma plataforma”, diz Maggio. A cantora Aracy Cortes, estrela do teatro de revista, ajudou a popularizar muitas das músicas de Noel.

Para levar as histórias para o palco, o diretor criou um espetáculo dividido em três partes e marcado pelo tom crítico característico do gênero, tudo permeado por 21 canções do compositor. Quem conduz a cena é Madame Genoveva, vivida por Jeff Moreira, personagem resgatado da opereta *Ladrão de galinha*, assinada por Rosa. Maggio faz paródias com as composições de Rosa, coisa que o próprio compositor costumava realizar ao compor operetas. E os personagens do espetáculo funcionam como arquétipos, sem um arco narrativo e sempre empenhados em criticar por meio da ironia e da sátira. “Noel atacava a elite ao mesmo tempo que estava assombrado com as tecnologias. As músicas eram crônicas”, explica o diretor, que fez de Madame Genoveva uma colunista social determinada ao apontar e criticar os modos de vida da capital federal. “Os personagens detonam os abusos e contradições da elite que ajuda crianças com câncer, mas vai para a festa com uma bolsa que compraria os equipamentos de uma ala inteira de um hospital. Ela vão soltando os veneninhos, mas sem os nomes”, avisa Maggio, que incluiu no texto referências especialmente brasilienses.

Feita ao vivo, a música ficou por conta do trio Marlene Souza Lima (violão e guitarra), Janaina Sabino (teclado) e Lucas Ramalho, que reveza com Sofia Ribas na percussão. A

estrutura do espetáculo está dividida em três quadros amarrados em uma única dramaturgia costurada pelas canções e pelo texto. Dentro desses quadros, uma rádio novela conta a história de amor de Noel com Ceci, uma dançarina de uma casa noturna pela qual se apaixona e com quem vive um amor impossível, já que está de casamento marcado.

Noel Rosa morreu muito jovem, aos 26 anos, em 1936, mas deixou um total impressionante de 259 canções. “É praticamente uma pessoa vivendo e compondo o tempo inteiro na cabeça”, repara Schneider. Na seleção feita para o espetáculo, entraram clássicos mais conhecidos, como *Palpite infeliz*, *Feitio de oração*, *Pra que mentir*, *Último desejo*, *Com que roupa*, mas também canções menos conhecidas, caso do samba ligeiro *Seja breve e Honestidade*, na qual faz uma crítica à sociedade elitista, além de marchinhas clássicas como *O orvalho vem caindo*, *As pastorinhas* e *Pierrot apaixonado*.

O Noel era muito crítico, por meio da música fazia uma crítica social. E parece que as coisas que ele canta não mudaram”,

Jones Schneider, ator

AMOR EM ROSA

Direção: Sérgio Maggio.
Com Jones Schneider, Wol Nunnes e Jeff Moreira.
Hoje e amanhã, às 19h, na
Galeria 4 do Centro Cultural
Banco do Brasil (CCBB).
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15

Fotos: Caio Martins

